

Sindicato dos Trabalhadores nos Correios, Telégrafos e Similares de MS

E-mail: sintectms@terra.com.br

Site: www.sintectms.org.br

27 de outubro de 2006



Privatizações das Estatais

Eleição coloca debate sobre privatizações de empresas públicas na ordem do dia

O processo eleitoral em curso no país recolocou a questão das privatizações das estatais na agenda nacional.

De um lado os que consideram que tais empresas devem continuar estatais, ou seja, com controle acionário do governo. De outro, os chamados neoliberais, que defendem a venda das estatais, que deveriam passar para mãos de particulares.

Este é um dos mais importantes debates deste segundo turno, pois dependendo da postura do novo governo, teremos ou não uma nova onda privatista no país, para vender o que sobrou da era FHC.

O fato é que na era FHC, anos do governo de Fernando Henrique Cardoso, dezenas de grandes estatais

foram vendidas em processos cercados de suspeitas e denúncias de corrupção.

A venda dessas estatais não resolveu o problema da dívida externa (apesar do dinheiro ter sido usado para pagar juros), nem da eficiência do estado (outro argumento usado para justificar).

Além de não resolvermos nenhum problema com a venda das estatais, ficamos sem essas empresas, enquanto mega-empresários (nacionais e estrangeiros) abocanharam expressiva fatia do PIB (Produto Interno Bruto). Foi um negócio da China, basta ver, por exemplo, da Companhia Vale do Rio Doce.

Nos últimos dias FHC foi bastante claro: até mesmo a Petrobrás é passível de privatização (quanto mais os Correios? perguntamos nós).

Vale do Rio Doce foi vendida por 3,3 bilhões. Hoje vale 100 bilhões.



A empresa Vale do Rio Doce, é um bom exemplo do “grande negócio” das privatizações. Vendida por FHC por 3,3 bilhões, hoje ela vale cerca de 100 bilhões. Um péssimo negócio para o país. Um ótimo negócio para o consórcio empresarial que comprou.

Os 3,3 bilhões foram usados para pagar juros da dívida externa. Ou seja, o povo brasileiro ficou sem uma estatal que vale hoje 100 bi e sem o dinheiro da venda, que foi para pagar juros da dívida. Ficamos sem a Vale, sem o dinheiro e continuamos endividados...

Mas privatizar é que é “moderno”...



**Privatização Não!
Correios Público
e de Qualidade!**



Momento de reflexão, avaliação e decisão

A eleição é um dos momentos cruciais da democracia. É o momento da escolha. O momento em que o trabalhador, como cidadão no pleno gozo dos seus direitos políticos, tem o direito de influir na política nacional, estadual ou municipal.

Para chegarmos neste estágio não foi simples. Passamos por 20 anos de ditadura para, finalmente, recomeçarmos nossa experiência com a democracia, que pode não ser o melhor regime político, mas certamente é o menos ruim, pois nela está implícita a alternância de poder: os governos podem continuar ou serem trocados, de acordo com a vontade dos cidadãos. Por isso, nosso voto deve ser valorizado como o que realmente é: um poder que o povo tem na mão.

Neste momento em que iremos às urnas para definirmos o presidente do Brasil pelos próximos 4 anos, entendemos que nosso voto, enquanto trabalhadores ecetistas, deve estar baseado em alguns critérios, que passam pela manutenção dos Correios Público (não à privatização), recomposição do poder aquisitivo do salário, democratização da empresa e investimentos para ampliá-la, melhorando o atendimento, as condições de trabalho e gerando mais empregos.

Votar não é algo banal. Implica em tomar decisões que terão reflexos sobre a vida de cada um. Por isso - no dia 29 - seja em quem você votar, faça-o com consciência de classe: é o seu futuro, e o do Brasil, que está em jogo no segundo turno

Daniel Moreira
Secretário-Geral do Sintect-MS

Expediente

Boletim do Sintect-MS é uma publicação Sindicato dos Trabalhadores nos Correios, Telégrafos e Similares de Mato Grosso do Sul.

Jornalista Responsável: Rosália Silva (MTb-MS 029)
Sede Própria: Rua General Sampaio, 180, Bairro Cabreúva.
Fone: (67) 3042-8752 ou 3042-8753
Sub-Sede Dourados: Rua Major Capilé, 2.710 B
Fone: 3427-3402
Internet: sintectms@terra.com.br www.sintectms.org.br

Carteiros reclamam dos novos uniformes

Uniformes quentes e apertados. Esta é a reclamação geral sobre os novos uniformes que chegaram para os carteiros em MS. Além de terem uma forma menor que o anterior, o uniforme atual foi confeccionado com uma malha que esquenta muito e, ainda, no caso das camisas de manga longa, têm o pulso muito apertado. E nem vieram em quantidade suficiente. **Estamos de olho!**

INTERIOR

Sintect-MS faz reuniões em Dourados e Ponta Porã



Continuando o trabalho de descentralização das ações do Sintect-MS, Dourados e Ponta Porã foram as duas cidades que neste mês de outubro receberam visita da direção do Sindicato. De ambas as reuniões resultaram reivindicações, que já foram encaminhadas, com o empenho do Sindicato em apressar a resolução dos

problemas. Até o fim do ano, o Sintect-MS espera fazer reuniões com trabalhadores em todos os municípios para melhorar as condições de trabalho nos Correios sul-mato-grossense.

REUNIÕES SETORIAIS NA CAPITAL

Sintect faz reuniões nos CDD's e outros locais de trabalho

Em Campo Grande, o Sintect-MS esteve em todos os setores, ouvindo os trabalhadores. Com este trabalho de base, o Sintect-MS espera buscar cada vez mais a unidade da categoria para as lutas por melhores condições de trabalho, de salário e de vida.



PSTU concorda que acordo foi bom!

Num momento de lucidez e bom-senso a oposição do PSTU concorda que o Acordo Coletivo foi bom. Em panfleto nacional, afirmam que ele "poderia ser melhor", mas em nenhum momento afirmam que o acordo foi ruim. É que não foi!

Nós também concordamos que o acordo "poderia ser melhor". Isso é óbvio: todo acordo sempre "pode ser melhor". Mas esse "melhor" não depende só da nossa vontade, pois é diretamente influenciado pela conjuntura econômica (do País e da empresa), política, de organização da classe em nível nacional, de disposição da categoria para ir à uma greve, postura do governo, etc. Todo acordo reflete o momento, a conjuntura em que foi assinado. No fundo, o que o PSTU queria era "radicalizar" a campanha salarial, para transformá-la num ataque ao governo Lula em plena eleição. Até a direita e o tucanato ansiavam por esta greve que teria claramente um conteúdo político na atual conjuntura. Não trocamos um acordo certo por uma greve duvidosa: os bancários, com oito dias de greve, conquistaram 3,5% de reajuste.